

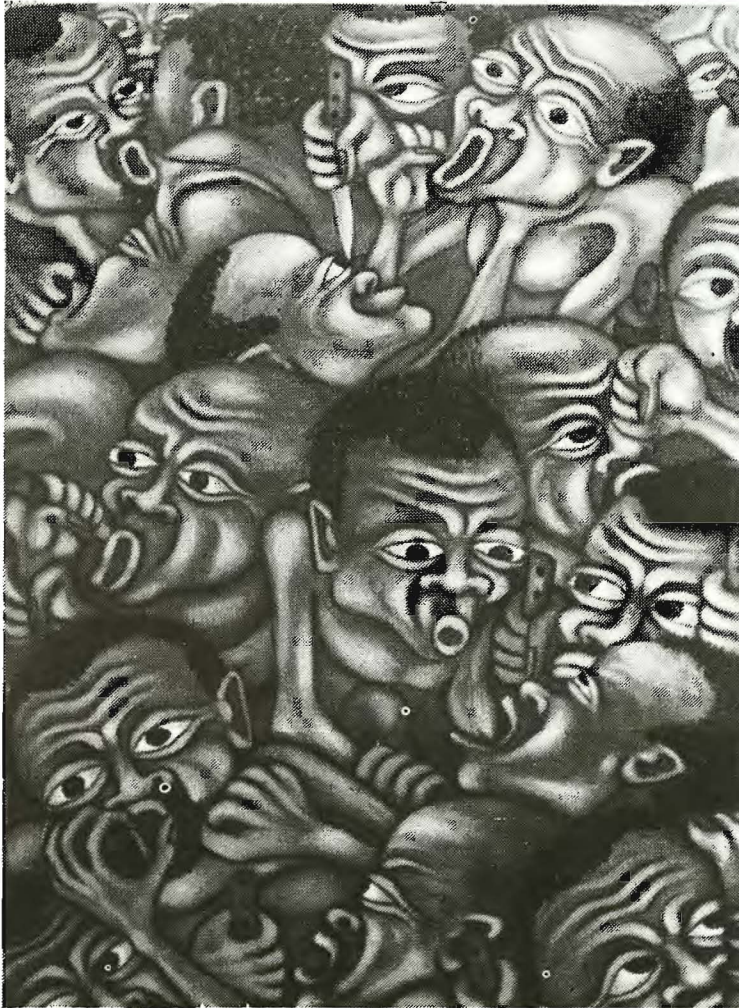


Malangatana Valente

O artista é sensível ao que o rodeia

Falar de cultura é, em Moçambique, falar da própria luta de libertação nacional. Malangatana conta a *cadernos do terceiro mundo* a sua experiência de artista comprometido com o seu país.

Guiomar Belo Marques



A Semana de Moçambique trouxe a Portugal um dos expoentes máximos da pintura moçambicana: Malangatana. Profundamente comprometido com o processo moçambicano, Malangatana é director do Departamento de Artesanato da Secretaria de Estado da Cultura e iniciou recentemente um trabalho de recolha e investigação, no qual participam igualmente outros dirigentes ligados à cultura.

Entrevistámos Malangatana no seu quarto de hotel, no Estoril. Encostado a uma parede, um quadro iniciado, enquanto uma tela pintada de negro, repousava no pequeno estirador.

Eugénio de Lemos, um outro valor da pintura moçambicana, participou igualmente nesta conversa que se pretendeu entre amigos.

Que balanço fazem desta Semana de Moçambique?

Eugénio de Lemos — Parece-nos positivo uma vez que permitiu um estreitar dos laços de cooperação e de intercâmbio cultural entre os nossos dois povos. Contávamos era com outro tipo de receptividade por parte da crítica. Penso que esta não foi ao fundo...

Não será apenas porque de certo modo a pintura moçambicana é ainda desconhecida em Portugal?

Malangatana — Dizemos que a crítica não conhece a nossa pintura é paternalismo da nossa parte, apesar de alguns críticos, efectivamente, ainda a não conhecerem bem. Há alguma ignorância... Para se falar de uma arte plástica é preciso ir ao fundo das razões e mo-

tivos, das cores e dos temas. Se não se atingir isso, então não se pode avaliar a pintura. A nossa cultura não está apenas coberta de aspectos mitológicos e tradicionais.

E. L. — Mas, a parte a crítica, temos sentido um grande apoio por parte de outros artistas portugueses e de um modo geral o público gostou. Apesar de no Casino do Estoril não conseguirmos detectar onde está efectivamente o público e não termos noção de até que ponto este se encontra alertado.

Esperança nas novas correntes

O secretário de Estado moçambicano da Cultura, Luís Bernardo Honwana, referiu que o trabalho cultural que se desenvolve em Moçambique consiste na transformação do homem. Enquanto artistas, como entendem o vosso trabalho?

E. L. — O artista deve reflectir um meio sócio-político e económico e a partir do momento em que o país atravessa uma evolução em determinado sentido ideológico, tem de a acompanhar. Isto, apesar de o artista não ter que obedecer a uma ideologia. Desde que reflecta, corresponde aos anseios do partido e do povo.

M. — E não apenas no campo da pintura e das artes plásticas. Obviamente que o artista é sensível ao que o rodeia.

Em Moçambique o artista acompanhou a época feudal, colonial e pertenceu depois ao desenvolvimento da luta armada para a independência nacional. As coisas vão adquirindo uma dinâmica que origina nalguns casos, que o artista vá além daquilo que já aconteceu. Outros são ultrapassados e ficam pelo caminho... Nós não estamos preocupados em fazer todos os dias uma pintura militante, mas qualquer artista que se integre no dinamismo, acompanha a criação do homem novo. Temos visto alguns artistas cuja arte é muito superior àquilo que eles pensam como homens.

Que lhes parece as novas correntes da pintura moçambicana?

M. — Tenho muita esperança nas novas correntes que ainda não se afirmaram na actual expressão plástica contemporânea.

E. L. — A pintura moçambicana



Malangatana Valente: influências díspares numa pintura de compromisso com o seu povo

surgiu mais ou menos nos anos quarenta e não tem muita tradição. Durante o período colonial, houve alguma influência dos pintores portugueses que lá viveram. Os pintores moçambicanos, por seu turno, registavam na tela a denúncia do que se passava e a pintura era uma trincheira. Com a independência houve uma estagnação e indecisão: o que pintar? Agora temos que dar apoio ao aspecto formativo.

Que tipo de dificuldades sentem nesse campo da formação?

E. L. — Faltam-nos imensos materiais... mas já conseguimos alguns apoios cá, por parte da Fundação Calouste Gulbenkian. Por outro lado, a RDA, Bulgária e União Soviética, por exemplo, são alguns dos países onde temos jovens a pintar. Entretanto, aproveitámos para convidar artistas portugueses que viveram em Moçambique para lá irem, como a Maluda, o José Júlio...

M. — Aliás, o José Júlio põe como condição ir para lá trabalhar com os seus antigos colegas...

Uma grande exposição em Lisboa

O único apoio que obtiveram em Portugal foi o da Fundação Calouste Gulbenkian?

M. — Com os responsáveis da Gulbenkian tivemos uma conversa pormenorizada sobre diversos aspectos, no sentido do apoio que nos virão a dar em termos plásticos. Almeida Santos compromete-

teu-se também a dar um apoio. Entretanto, no próximo ano, vamos montar cá, com a ajuda da Gulbenkian, uma grande exposição de arte moçambicana, mas desta vez em Lisboa.

Em que consiste o trabalho de recolha e investigação cultural que têm desenvolvido?

E. L. — A recolha está a ser feita em termos de análise antropológica.

M. — Logo a partir de 1976/77 foi criado um programa de preservação e valorização cultural. Por exemplo: vamos ao campo com técnicos e alguns jovens familiarizados com a antropologia. Contactamos as populações e fazemos a recolha dos objectos de muito valor. Alguns levamo-los para o Museu Nacional enquanto os outros são datados, marcados e nos servem de registo. Simultaneamente fazemos algum trabalho arqueológico. Todo este trabalho tem sido igualmente feito ao nível da literatura oral, de canções que estão ligadas a certos ritos e cerimónias, que não são peças puramente artesanais mas quase artísticas.

"O que é que tu tens pintado"

Que receptividade encontram os artistas moçambicanos, por parte do governo, da Frelimo e particularmente do Presidente Samora Machel em relação ao trabalho que desenvolvem? Existe interesse pela arte?

M. — A questão da valorização da história, da Cultura e da arte em geral, não começou com a independência. Já no tempo da luta armada a Frelimo se preocupava com isso, porque a própria luta era cultural. Nas nossas zonas libertadas desenvolvíamos a nossa cultura. E os principais impulsores desta filosofia foram precisamente Mondlane e Samora. A Frelimo deu sempre um grande apoio à arte. Quanto ao Presidente Samora, fala connosco na intimidade e diz-nos: "Tu! O que é que tens pintado?". E isto é que muita gente não sabe, mas Samora é um preocupado, como homem e como Presidente, pela nossa arte. Quando visita uma exposição de fotografia ou de pintura, visita-a demoradamente e com muita atenção, ob-

servando e admirando. Ainda no outro dia, quando visitou aqui em Lisboa o Centro de Arte Moderna fê-lo demorada e atentamente, analisando; inclusivamente, as filosofias inerentes às correntes artísticas. Correntes que, analisadas apenas do ponto de vista ideológico ele nem se deteria tanto tempo, mas como se preocupa com a pintura, ele vê-a na mesma.

Durante dois anos e meio Malangatana trabalhou na província de Nampula com o objectivo de uma aprendizagem cultural. Que significado teve para si esse tempo de Nampula?

M. — Estar em Nampula foi o mesmo que estar em Cabo Delgado ou em Quelimane. Permitiu-me um contacto muito mais directo, do ponto de vista cultural, numa altura em que já sou adulto na idade, enquanto pessoa e culturalmente. Já em pequeno tinha muito interesse nas cerimónias culturais, nos velhos que cantam, nos tambores, etc., e foi isso que me fez ser um pouco apaixonado pela antropologia cultural. Mas em Nampula esse interesse aprofundou-se. Estive em vários distritos e pude ver e



Malangatana e Eugénio Lemos na exposição de arte moçambicana

participar em acontecimentos culturais muito profundos. Cantar, dançar e discutir com as populações esse outro tipo de arte que em Maputo eu nunca teria visto. E, evidentemente que tudo isto é uma chicotada e aumenta o compromisso com o povo. Eu estou totalmente comprometido com o povo moçambicano e até com a África Austral, porque nasci no seu seio. Não apenas me interessa Moçambique como todos os povos da África Austral e pintar sobre essa realidade. Enquanto estive em Nampula fiz trabalho cultural, fiz um pouco de arqueologia, ajudei a construir um Centro de Arte, enfim, o balanço é muito positivo e

foi muito importante ter lá estado.

Como se tem processado a internacionalização da vossa pintura?

M. — Mesmo durante o período colonial houve exposições feitas noutros países. Depois da independência de Moçambique, em 1977, tive uma participação grande no Festival Internacional de Cultura, na Nigéria. Participámos em exposições na União Soviética, RDA, Bulgária, Cuba, Holanda, Bélgica, Inglaterra, Angola e temos tido diversos convites. Com Angola, particularmente, tivémos contactos importantes e pensamos que é necessário aprofundá-los ainda mais. □